

Literatura pensante: entrevista com Evando Nascimento

Andréia Delmaschio

Professora Titular do Instituto Federal do Espírito Santo

Vítor Cei

Professor da Universidade Federal de Rondônia

RESUMO

A presente entrevista online estruturada com o professor e escritor Evando Nascimento foi feita em maio de 2017, como atividade do projeto de extensão “Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas”, que é um esforço no sentido de mapear a literatura brasileira do início do século XXI a partir da perspectiva dos próprios escritores. Nascimento explica a conexão entre filosofia e literatura, comenta sobre seu processo criativo, avalia a recepção de sua obra e embaralha as fronteiras entre ficção e teoria. Constatamos nas respostas do autor uma experiência pensante com a linguagem literária na vizinhança da filosofia.

PALAVRAS-CHAVE: Desconstrução. Literatura brasileira contemporânea. Literatura pensante.

ABSTRACT

This interview with professor and writer Evando Nascimento was made in May 2017, as an activity of the project “*News of the current Brazilian literature: interviews*”, which is an effort to map the Brazilian literature of the beginning of the 21st century from the perspective of the writers themselves. Nascimento explains the connection between philosophy and literature, comment on his creative process, evaluates the reception of his work and shuffles the boundaries between fiction and theory. It is possible to verify in the author’s answer a thinking experience with the literary language in the neighborhood of the philosophy.

KEYWORDS: Deconstruction. Contemporary Brazilian literature. Literature and thought.

Introdução

Um dos mais prolíficos e atuantes pesquisadores e escritores brasileiros da atualidade, Evando Nascimento é autor de diversos livros: de ficção, de crítica literária, sobre artes plásticas e filosofia. Assim como acontece com o trabalho de outros escritores-pensadores, sua escritura é, muitas vezes, de difícil classificação em gêneros ou especialidades estanques, realizando antes uma provocadora mescla, em que se cruzam a prosa e a poesia, a filosofia e a literatura, o testemunho e a invenção.

Em 2008, estreou na ficção com o livro *Retrato desnatural* (diários – 2004 a 2007), semifinalista do Prêmio Portugal Telecom; em 2011 publicou *Cantos do Mundo*, livro de contos finalista do Prêmio Portugal Telecom, ambos pela

Record. Em 2014 publicou, pela Globo Livros, *Cantos Profanos*, semifinalista do Prêmio Itaú Oceanos.

Evando Nascimento é ainda professor universitário e pesquisador. Ao longo de sua carreira, vem desenvolvendo projetos que envolvem a Filosofia, a Literatura e as Artes Plásticas. Doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, na década de 1990 foi aluno de Jacques Derrida, na École des Hautes Études en Sciences Sociales, de Paris. Em 2000 entrou para a Universidade Federal de Juiz de Fora como Professor Adjunto de Teoria da Literatura. Realizou um Pós-Doutorado em Berlim. Lecionou na Universidade Stendhal, de Grenoble, na Universidade Federal do Espírito Santo e na Universidade Federal Fluminense.

No Brasil é um dos maiores especialistas no domínio do pensamento francês recente. Em 2004, organizou o “Colóquio Internacional Jacques Derrida”, em que o filósofo franco-argelino fez a conferência de abertura. Nesse mesmo ano, foi publicada no Brasil, pela Estação Liberdade, a sua tradução do livro *Papier machine* (Papel-máquina), de Jacques Derrida, de cujo pensamento é um dos disseminadores.

Destacam-se na sua produção teórico-crítica: *Derrida e a literatura* (EdUFF, 1999); *Ângulos: literatura & outras artes* (Argos, 2002); *Derrida* (Zahar, 2004); *Pensar a desconstrução* (Estação Liberdade, 2005); *Clarice Lispector: Uma Literatura Pensante* (Civilização Brasileira, 2012).

Em 2016, foi publicado na França, pela Hermann, um livro com textos de Derrida e seu, *La solidarité des vivants et le pardon*.

Em abril de 2017, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro organizou o “Colóquio Internacional A solidariedade dos viventes e o perdão: Jacques Derrida/Evando Nascimento: questões de ética, política e estética”, em que Nascimento realizou a conferência intitulada “Mil Perdões: Vidas Precárias”.

Atualmente coordena o projeto “Para um conceito de Artes e de Literatura no século XXI: questões de ética, política e estética”, que discute questões teóricas sobre arte, filosofia e literatura a partir da leitura de autores e da análise de obras de arte do século XXI. Assim, pretende-se elaborar uma conceituação complexa e refinada sobre o que seja arte e literatura hoje.

Na entrevista que segue, concedida com exclusividade aos entrevistadores em maio de 2017, Evando fala sobre os paradoxos da escrita, a recepção de sua obra e o modo como ser professor se aproxima da paixão pela literatura. Comenta ainda a atual situação política no Brasil, os desafios da educação, a “maré montante de neofascismos” e a necessidade de resistência.

Cada escritor possui um *modus operandi*, por assim dizer. Você poderia nos falar um pouco sobre as opções formais que norteiam seu projeto literário?

Gostei dessa pergunta sobre o modo operatório. A escrita é antes de tudo uma operação inventiva, um trabalho. Isso implica tanto um prazer quanto evidentemente uma forma de sobrevivência. Para mim os dois estão ligados. Não que eu viva diretamente do que escrevo, mas sem escrever eu simplesmente não sobreviveria. É uma das atividades que me dão mais prazer e gosto pela vida, a despeito de tudo.

Não creio que tenha uma opção formal consciente, nem muito menos um projeto literário em sentido estrito. O fato é que escrevo desde muito jovem. Escrita ensaística e escrita ficcional. As duas para mim são invenções em sentido forte. Posso a cada etapa ter um projeto específico, mas não um único projeto que tenha norteado minha prática de escritor desde o início. Há um dado aleatório no que faço. E isso para mim é tanto uma felicidade quanto um infortúnio, inseparavelmente... Uma felicidade pelo lado aventureiro. Um infortúnio porque muitas vezes posso me perder “no meandro de minhas inscrições” – estou citando uma frase de meu próximo livro.

Como você define a sua trajetória literária? Houve um momento inaugural ou o caminho se fez gradualmente? Em que momento da vida você se percebeu um escritor?

É difícil dizer quando tudo iniciou, se houve um ponto exato de partida. Desde criança, quando comecei a ler, intuitivamente alguma coisa no ato de escrever e publicar me fascinou. Lia-se muito lá em casa, e em algum momento devo ter me perguntado de onde vinham aqueles livros e revistas, que passavam de mão em mão. Lembro de “cometer” meu primeiro poema aos oito anos, uns versinhos para uma prima, que era meio amiga, meio namoradinha, se isso é possível nessa idade.

Em torno dos treze, catorze anos escrevi um pretense romance, na máquina de escrever Olivetti Lettera de meu pai. Tinha o datiloscrito até quando fui fazer mestrado no Rio, aos 22 anos, mas numa de minhas mudanças, perdi, o que até certo ponto lastimo. Até certo ponto: seria bom ter um registro do que me ocorria como literatura, mas, por outro lado, certamente era apenas um pastiche do que lia na época:

Machado, Amado, Veríssimo e Alencar, além dos romances infanto-juvenis de que gostava bastante: *A Ilha do tesouro*, *Robinson Crusoé*, *Huckleberry Finn*, entre outros.

Depois de uma adolescência bastante voltada para a escrita ficcional, a leitura e o desenho, continuei escrevendo basicamente contos na vida adulta. Todavia, o envolvimento com a escrita acadêmica me absorveu bastante, e somente em 2008 vim a publicar meu primeiro livro de ficção, o *Retrato desnatural* (ed. Record); um livro que me deu e continua dando muitas alegrias.

Como professores e orientadores, temos notado um interesse crescente dos estudantes mais jovens, especialmente nos cursos de Letras, pela sua produção ficcional. Como você vê a recepção da sua obra?

Quais são as dores e as delícias de se publicar ficção num país que parece ter um número cada vez mais reduzido de leitores?

Fico feliz em saber desse interesse. Até onde posso ver, a recepção de meus três livros ficcionais publicados tem sido muito boa. Todos tiveram resenhas em periódicos variados (*Folha de S. Paulo*, *Estado de Minas*, *O Globo* e o extinto *Jornal do Brasil*, entre outros). Há também um bom número de artigos universitários, todos de grande qualidade. O livro *Cantos do mundo* foi finalista do antigo Prêmio Portugal

Telecom, disputando na categoria contos com Sérgio Sant’Anna, João Anzanello Carrascoza e Dalton Trevisan, que acabou vencendo. Tenho recebido também diversos comentários de leitores não especializados, que prezo muito. Esse lado da resposta explícita é realmente prazeroso. E não precisa ser elogio, a crítica bem fundamentada me seria também bastante útil, embora ainda não tenha havido (Creio estar preparado para quando vier – risos).

O sofrimento maior é saber que o número de leitores num país gigantesco como o Brasil é mínimo. Isso dói demais. Mesmo os autores que ganham prêmio e estão o tempo todo na mídia não vendem tanto quanto seria de esperar. A internet poderia ter ampliado o número de leitores qualificados, se nossa educação escolar fosse boa, mas tal não é o caso. Assim, acaba-se escrevendo mais por amor à arte e à vida reinventada através desta. No momento, escrevo praticamente todos os dias. Costumo passar do ensaio à ficção, conforme o interesse e a vontade. Mantenho também um diário ficcional, cujo título é *Vital*, e em algum momento penso em publicar trechos, talvez na internet, não sei.

O que você acha dos escritores brasileiros contemporâneos? Ou, se preferir afastar a pergunta de nomes específicos, para pensar a literatura brasileira atual como um todo: o que você vê?

Não tenho resposta para essa pergunta. Há um número muito grande de poetas e ficcionistas no Brasil, e somente alguém que se dedique a ler sistematicamente esses autores e autoras pode avaliar de forma correta. Minhas leituras de autores contemporâneos, brasileiros ou estrangeiros, são erráticas e vão acontecendo conforme a curiosidade. Prefiro não citar nomes para não ferir vaidades que acaso venha a esquecer. Um fator positivo: minha impressão geral é que há cada vez mais mulheres escrevendo e publicando. Isso ajuda a ampliar o cânone, que até recentemente se restringia aos homens, as escritoras aparecendo como exceção da regra.

Você concorda com que se utilize a expressão “literatura pensante” para designar a sua ficção, como você mesmo o fez com a obra de Clarice Lispector? Até que ponto o fato de ser pesquisador, tradutor e divulgador do pensamento derridiano deixa marcas na sua produção ficcional?

Quando inventei essa expressão “uma literatura pensante”, em torno de 1992, ao começar a escrever minha futura tese de doutorado, a qual se tornaria o

livro *Derrida e a literatura*, tinha em mente autores e autoras que faziam um tipo de literatura muito próximo do ensaio. Em 2012, quando reuni minhas reflexões sobre Clarice Lispector, achei natural dar o subtítulo de “uma literatura pensante” ao livro que publiquei então pela Civilização Brasileira.

Nada tenho contra utilizarem a expressão para o que faço ficcionalmente, e pelo menos um leitor

já o fez numa excelente resenha sobre os *Cantos profanos*: João Cezar de Castro Rocha, um dos melhores críticos da atualidade. Seria pretensioso de minha parte auto intitular o que faço dessa maneira, mas se outros o fizerem, decerto terão boas razões para isso.

Realmente não sei até que ponto minhas leituras e traduções de Jacques Derrida deixaram marcas no que escrevo. Com certeza deve haver e haverá sempre muitas. Mas minha consciência a esse respeito é pequena. Quando escrevo ficção, me deixo guiar pela intuição e pela imaginação, como também por certo senso de realidade. As referências filosóficas de Derrida e de outros pensadores entram como algo que faz parte de meu trajeto, jamais como “teses” ou “conceitos”. Tenho horror à “literatura filosófica”, que acho entediante. A literatura tem seu próprio modo de ser *pensante*, sem ter que recorrer aos métodos e maneiras da filosofia. E não só a literatura: as artes são também *pensantes*, como desenvolvi num artigo que pode ser lido na internet, na revista *Celeuma*, da USP. Um dado curioso: apenas no momento da redação do livro me dei conta de que o adjetivo já se encontrava em Clarice Lispector – *O mistério do coelho pensante* é uma linda história infantil.

De que modo a sua vasta experiência como professor se entrecruza com o trabalho de escrita?

Ser professor me ajudou a ficar próximo daquilo que amo: a literatura. Tenho muita curiosidade científica, mas seria um melancólico se tivesse que passar horas num laboratório, por exemplo. Preparar aulas sobre ficção e poesia apenas reforça tudo o que faço como inventor ficcional. Sobretudo quando a turma se interessa pela invenção literária, só há convergência, jamais atrito. Dialogar com jovens sobre literatura e filosofia é maravilhoso, desde que estejam motivados.

No mundo inteiro parece estar ascendendo uma onda de pensamento e sentimentos reacionários, expondo matizes racistas, fascistas, misóginos e homofóbicos. Gostaríamos que você nos ajudasse a compreender: onde estava guardada tanta monstruosidade? Houve um ponto ou marco crucial para a detonação de uma circunstância como esta que vivemos hoje? O que você imagina ou espera como coda do atual estágio da humanidade?

Indagações fundamentais, porém irrespondíveis de maneira simples. Não faço ideia de quando isso tudo começou, mas não há dúvida que a aceleração do mundo digital, a partir sobretudo do final dos anos 1990, ajudou bastante. Com a Web, parece que os neofascistas se sentiram protegidos para dizer e praticar barbaridades. Algumas políticas governamentais surgiram para coibir os casos

extremos, mas é difícil estabelecer um limite preciso entre liberdade de expressão e violência contra a alteridade. Sou a favor de um máximo de liberdade com responsabilidade. Para isso ocorrer, é preciso uma educação de qualidade, realmente libertadora.

Penso que o escritor e a escritora, ao exercerem seu ofício com o máximo de empenho, já dão uma contribuição para esse processo educacional. Mas isoladamente se pode muito pouco. Seria preciso surgir cada vez mais associações de reflexão, fóruns de debate qualificados, a fim de dar conta da maré montante de neofascismos. Há que se criar modos de resistência não partidários, já que, um pouco em todo o planeta, os partidos se encontram chafurdados na corrupção. Ainda acredito no esclarecimento e no acesso à informação responsável como modos de resistência ética e política.

Como você avalia o momento político que vivemos hoje no Brasil, e que auxílio o pensamento da desconstrução pode nos dar numa circunstância como esta?

A resposta anterior se desdobra nesta: o pensamento desconstrutor pode, sim, ajudar a refletir sobre as formas mais adequadas de lidar com as diferenças e as alteridades, as alteridades de fato diferentes.

Em abril último, realizou-se na Universidade do Estado do Rio de Janeiro um colóquio internacional sobre o perdão, a partir de um livro que publiquei no ano passado na França com textos de Derrida e meu, *La solidarité des vivants et le pardon* (2016)¹. Para começar, a própria UERJ, uma das melhores instituições de ensino do país, se encontra numa situação deplorável, com atraso de salários e de verba para manutenção. Realizar esse evento já foi em si um ato de resistência, e por isso escrevi um texto-manifesto, publicado no *Suplemento Pernambuco*, um dos melhores em termos literários: “Colóquio Derrida na UERJ: Um encontro solidário” (NASCIMENTO, 2017). O tema do perdão é essencial para se rever o passado, recente ou remoto. E Derrida ajuda a perceber que o perdão nada tem a ver com anistia, esquecimento ou reconciliação. Perdoa-se para se libertar do ódio, mas não para esquecer o mal feito.

Em breve, será publicado o livro do colóquio, que espero seja muito útil para um país com um passado e um presente tão turbulentos como o nosso.

Você está escrevendo algum livro no momento?

Tenho um novo livro de contos, já enviado a uma editora, *A desordem das inscrições*. Mas ainda assim terei muitos contos inéditos, porque eles me ocorrem e eu os escrevo, depois é que os seleciono para um volume específico. Iniciei também um projeto de fôlego, que seria um romance em torno de um pintor, mas ainda é algo incipiente e pode levar alguns anos, daí prefiro não falar a respeito. Adoro escrever, mas não tenho pressa em publicar. Sempre tive inéditos, alguns deles talvez para sempre...

¹. O colóquio internacional *A solidariedade dos viventes e o perdão: Jacques Derrida/Evando Nascimento: questões de ética, política e estética*, ocorreu entre 17 e 20 de abril de 2017, no Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ e na Casa de Leitura Dirce Cortes Riedel.

Alguma consideração final?

Apenas o agradecimento por terem se interessado em fazer esta entrevista comigo. Considero esse projeto da maior relevância e, portanto, lhes desejo coragem e empenho para levá-lo adiante.

Referências bibliográficas

- DERRIDA, Jacques; NASCIMENTO, Evando. *La solidarité des vivants et le pardon*. Paris: Les Éditions Hermann, 2016.
- DERRIDA, Jacques. *Papel-máquina*. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- NASCIMENTO, Evando. Derrida na UERJ: um encontro solidário. *Suplemento Pernambuco*, Recife, 2017. Disponível em: <<http://www.suplementopernambuco.com.br/artigos/1844-derrida-na-uerj-um-encontro-solid%C3%A1rio.html>>. Acesso em: 11 mai. 2017.
- _____. *Cantos Profanos*. São Paulo: Globo Livros, 2014.
- _____. *Clarice Lispector: Uma Literatura Pensante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- _____. *Cantos do Mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- _____. *Retrato desnatural*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- _____. *Jacques Derrida: pensar a desconstrução*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- _____. *Derrida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. *Ângulos: literatura & outras artes*. Juiz de Fora-MG: EDUFJF; Chapecó-SC: Argos, 2002.
- _____. *Derrida e a literatura: 'Notas' de literatura e filosofia nos textos da desconstrução*. 1a. ed. Niterói: Editora da UFF, 1999.

Recebido em 12/06/2017
Aprovado em 26/10/2017